

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL / REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO, VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

ÁGUAS CLARAS RECONTADA: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS E A CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS INSURGENTES NO SUL GLOBAL

Luar Vieira (LUARVIEIRA@GMAIL.COM)

Em seis décadas, o ICOMOS tornou-se referência, mas conviveu com silêncios e hierarquias de saberes do Sul Global. Nesta investigação em Salvador, reconta-se Águas Claras a partir das memórias de mulheres negras que constituem o pertencimento do bairro. Águas Claras é território marcado por apagamentos. Sua paisagem negra preenche lacunas: o “Pinicão”, estigmatizado pela precariedade do saneamento; a “Praia dos Pretos”, espaço ancestral que resiste no imaginário; e enfrentamentos ao racismo estrutural e ambiental. Recontar essas histórias intervém nas lógicas que restringem patrimônio ao monumental, colonial e elitista e propõe a paisagem negra como categoria insurgente que articula corpo, memória e território.

A fundamentação ancora-se em perspectivas decoloniais e feministas negras: a escrevivência (Evaristo) inscreve dores e alegrias silenciadas; ecoam Kilomba, Glissant e Carneiro. Dialogamos com Tsing, que pensa a paisagem como assemblage entre humanos, não-humanos e forças globais, e com Cauquelin, que a entende como invenção cultural e política.

Metodologicamente, adotamos a cartografia afetiva (Passos, Kastrup e Escóssia), em oficinas, caminhadas e encontros pelo bairro. O resultado visível é a cartilha *Águas Claras Recontada (1940–2020)*, com colagens, lambes e relatos que conectam passado, presente e fabulações de futuro. Como instrumento pedagógico e poético, a cartilha fortaleceu vínculos, ressignificou o Pinicão como lugar de luta e cuidado ambiental e reavivou a Praia dos Pretos como denúncia de apagamento e invisibilização urbano.

Essas narrativas mostram o patrimônio como campo de disputa onde vozes silenciadas exigem ser ouvidas. Os resultados indicam que metodologias artísticas e coletivas expandem a conservação patrimonial; o Coletivo JACA teve papel central, com juventudes negras protagonizando estas práticas insurgentes.

Concluimos que articular patrimônio, paisagem e justiça social desestabiliza a ideia de conservação neutra. Narrado pelas margens, o patrimônio torna-se ferramenta de (re)existência e construção de futuros, convidando o ICOMOS a reconhecer que patrimônio é, antes de tudo, direito à memória e ao território.

Referências

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TSING, Anna. *Friction: An Ethnography of Global Connection*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

VIEIRA, Luar. *Águas Claras Recontada (1940–2020)*. Salvador: Coletivo JACA, 2020.

Palavras-chave: mulheres negras; escrituragem; paisagem; racismo ambiental; patrimônio cultural.